

## CRAVOS DE ABRIL / 1976

um filme de RICARDO COSTA

*Realização, Fotografia, Produção:* Ricardo Costa *Material de arquivo da RTP Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm, cor e preto-e-branco, 28 minutos.

### Nota

CRAVOS DE ABRIL é apresentado com GENTE DO NORTE (“folha” distribuída em separado). O texto que se segue foi originalmente distribuído em 1999, por ocasião da passagem do filme no ciclo “25 de Abril, 25 Anos – Imagens da Revolução”, em que foi projectado numa sessão conjunta com ANO 1º - 1º DE MAIO DE 1975.

---

É um título obrigatório da “filmografia portuguesa de Abril”, registo do dia inicial inteiro e limpo que levou a revolução e a poesia para a rua nas palavras de Sophia tomadas por todos, registo dos dias imediatos, electrizados pela alegria. Os primeiros acontecimentos políticos da revolução portuguesa, na cronologia que vai de 25 de Abril a 1 de Maio de 1974 são a matéria de CRAVOS DE ABRIL. Ainda que o ano de produção do filme de Ricardo Costa seja posterior, procede à reconstituição dos acontecimentos dessa primeira “semana”, através de imagens filmadas a cores – por esse motivo consideradas “raras” –, de imagens de arquivo da RTP, de fotografias e de cartoons. Assim se contam cronologicamente os passos desses primeiros dias de liberdade: a movimentação das tropas no Terreiro do Paço, durante a manhã, e no Largo do Carmo na tarde do dia 25, a libertação dos presos políticos no dia seguinte, as manifestações de rua de militares e populares, as chegadas de Mário Soares a Santa Apolónia, de Álvaro Cunhal e de outros exilados políticos ao Aeroporto da Portela, e finalmente a grande comemoração do 1º de Maio (o “primeiro 1º de Maio”, de 1974) no antigo Estádio da FNAT, a partir daí baptizado com o mesmo nome.

As imagens de Salazar em “pose de Estado” e na urna funerária preenchem os primeiros planos do filme. “O Estado era ele”, ouve-se em *off*. Como em outros documentários dedicados ao 25 de Abril, a imagem fotográfica do corpo morto de Oliveira Salazar é filmada, parecendo valer como garante do seu estado – de cadáver – associada ao do regime que, sobrevivendo-lhe, se manteve sob a marca (e a sombra) da sua tutela. A partir dessa constatação se desenvolve o filme, também como em outros documentários “congêneres”, reservando ao comentário em *off* uma função preponderante, de ligação das imagens e necessariamente de atribuição de um sentido. As últimas imagens, de comemoração do (primeiro) 1º Maio, quando se viviam os últimos momentos de euforia colectiva e colectivamente partilhada, são devidamente acompanhadas por “quem serão os charlatães... os vencedores... e os vencidos”.

CRAVOS DE ABRIL é um primeiro trabalho de montagem sobre as imagens (visuais e sonoras) da revolução. Já não um filme “a quente”, mas ainda um filme bastante próximo do seu motivo, propondo uma síntese da cronologia assente em fotografias e imagens filmadas dos seus

protagonistas e principais acontecimentos. Em retrospectiva, concentrado nos sete primeiros dias de Liberdade, é uma síntese que adopta, do momento, o tom libertário feito de promessas felizes, com o povo na rua (lisboetas), e seguindo, no relato, a sua cartografia: do Terreiro do Paço ao Largo do Carmo, da sede da PIDE à prisão para a libertação dos presos políticos (Caxias e Peniche), Santa Apolónia e Aeroporto de Lisboa como cais de chegada de exilados notáveis (Mário Soares a 28 de Abril, Cunhal a 30, os cantores políticos unidos a entoar o *Grândola Vila Morena*, Zeca Afonso e Zé Mário Branco incluídos), a RTP e o Estádio da FNAT/1º de Maio. Em dois momentos, a intervenção de cartoons assinados por Siné introduz uma espécie de pausa sinalizando reticências, ou seja, que talvez nem tudo corresse bem no reino do Portugal pós 25 de Abril de 1974 (o espírito de 1976 em que o filme foi realizado): no primeiro, aludindo-se à Guerra Colonial, o desenho mostra três figuras perfiladas umas atrás das outras, num pontapé em cadeia. A segunda é a do genérico final, com os créditos a desfilar sobre um desenho que dá a ver a bandeira portuguesa rasgada, segura por dois homens: um de bigode, fato e gravata empunha uma haste com a parte verde e olha para o outro que caminha em direcção oposta, de trajes mais proletários, com mangas arregaçadas, empunhando a metade vermelha da bandeira.

Maria João Madeira